



SIMULAÇÃO CLÍNICA NA FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL: EFEITOS NA COMUNICAÇÃO E SEGURANÇA DO PACIENTE

Clinical Simulation in Multidisciplinary Training: Effects on Communication and Patient Safety

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as evidências disponíveis na literatura científica sobre os efeitos da simulação clínica na formação multiprofissional em saúde, com ênfase na comunicação interprofissional e na segurança do paciente. Foi realizada uma revisão integrativa de artigos publicados entre 2015 e 2025, em português, inglês e espanhol, nas bases MEDLINE, non-MEDLINE e IBECs. Foram incluídos estudos que abordaram a aplicação da simulação clínica em contextos multiprofissionais relacionados à comunicação e segurança. A amostra final contemplou pesquisas de diferentes delineamentos, incluindo estudos experimentais, quase-experimentais, revisões narrativas e de escopo. Os resultados evidenciaram que a simulação clínica favorece a melhoria da comunicação verbal e não verbal, a cooperação interprofissional e o fortalecimento do trabalho em equipe, impactando diretamente na segurança do paciente. Também foram relatados avanços na tomada de decisão compartilhada, no desenvolvimento de competências colaborativas e na criação de uma cultura de segurança em saúde. Apesar dos resultados promissores, foram identificadas lacunas metodológicas, como a necessidade de padronização de indicadores de desempenho coletivo e maior número de ensaios clínicos randomizados. Conclui-se que a simulação clínica deve ser incorporada de forma sistemática à formação em saúde e à educação continuada, por seu potencial de qualificar práticas colaborativas e aprimorar a segurança do cuidado

Mauro de Deus Passos

Cardiologia e Medicina de Emergência. Mestre em Ciências Médicas (PPG-UnB). Unidade de Medicina Interna / Hospital Regional de Sobradinho (Brasília-DF)
<https://orcid.org/0000-0003-4193-9236>

Rosa Helena Andrade Honório Lima

Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Unifafene

Jéssica da Silva Vieira

Graduada em Enfermagem, Faculdade Bezerra de Araújo - FAB

Darlene Pereira da Silva

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário UNA, Graduada em Farmácia pela Faculdade Federal de Ouro Preto

Marina Magalhães Siqueira Pinto de Oliveira

Graduada em Medicina, Faculdade de ciências médicas - afya pb

<https://orcid.org/0009-0004-5265-8653>

Priscilla Zelice Andrade da Cruz Giancesella

Fisioterapeuta, Centro Universitário Estácio de Sergipe

Francisca Samara Barbosa da Silva Lustosa

Graduada em Enfermagem, Unifacid Widen

<https://orcid.org/0009-0007-3705-9136>

Gabriela Gonçalves Correa

Graduada em Medicina, Universidade Nove de Julho

Natanael Marcolino de Brito

Assistente Social, Centro Universitário Maurício de Nassau

Ana Julia Martins Mota

Graduada em Medicina, Universidade de Uberaba

PALAVRAS-CHAVES: Comunicação em saúde; Educação interprofissional; Formação multiprofissional; Segurança do paciente; Simulação clínica



ABSTRACT

***Autor correspondente:**

Mauro de Deus Passos

mauropassos@cardiol.br

Recebido em: [17-09-2025]

Publicado em: [13-10-2025]

This study aimed to analyze the available scientific evidence on the effects of clinical simulation in multiprofessional health training, focusing on interprofessional communication and patient safety. An integrative review was conducted, including articles published between 2015 and 2025 in Portuguese, English, and Spanish, retrieved from MEDLINE, non-MEDLINE, and IBECs databases. Studies addressing the application of clinical simulation in multiprofessional contexts related to communication and safety were included. The final sample comprised research with different designs, including experimental, quasi-experimental, narrative, and scoping reviews. The results showed that clinical simulation improves verbal and non-verbal communication, interprofessional cooperation, and teamwork, directly impacting patient safety. Advances were also observed in shared decision-making, development of collaborative competencies, and the establishment of a safety culture in healthcare. Despite these promising findings, methodological gaps were identified, such as the need for standardized performance indicators and more randomized clinical trials. It is concluded that clinical simulation should be systematically integrated into health education and continuing professional training due to its potential to strengthen collaborative practices and enhance patient safety.

KEYWORDS: Clinical simulation; Health communication; Interprofessional education; Multiprofessional training; Patient safety



INTRODUÇÃO

A crescente complexidade dos sistemas de saúde tem demandado novas estratégias de ensino e capacitação que sejam capazes de integrar diferentes profissionais em práticas colaborativas e centradas no paciente. Nesse cenário, a simulação clínica tem se consolidado como uma metodologia inovadora de ensino-aprendizagem, ao possibilitar a reprodução de situações reais em um ambiente controlado e seguro, favorecendo a aquisição de competências técnicas e não técnicas essenciais à prática em saúde. Além de aprimorar habilidades clínicas, a simulação promove o desenvolvimento de aspectos fundamentais como a comunicação eficaz, a tomada de decisão compartilhada e o trabalho em equipe, que são elementos determinantes para a segurança do paciente e a qualidade assistencial (Campanati *et al.*, 2022).

A justificativa para este estudo reside na necessidade de fortalecer a formação multiprofissional em saúde, diante de evidências que apontam falhas de comunicação como um dos principais fatores associados a eventos adversos e danos ao paciente. Ao proporcionar um espaço de treinamento conjunto entre diferentes categorias profissionais, a simulação clínica contribui para reduzir barreiras interdisciplinares, fomentar práticas colaborativas e criar uma cultura de segurança pautada na confiança e no aprendizado contínuo (Ribeiro *et al.*, 2018). Nesse sentido, compreender os efeitos dessa estratégia pedagógica torna-se imprescindível para embasar políticas educacionais e institucionais que visem qualificar a formação em saúde e, conseqüentemente, os resultados assistenciais.

Diante desse contexto, o objetivo principal deste estudo é analisar as evidências disponíveis na literatura científica acerca dos efeitos da simulação clínica aplicada à formação multiprofissional em saúde, com foco na melhoria da comunicação interprofissional e na promoção da segurança do paciente

MATERIAL E MÉTODOS

A revisão integrativa da literatura corresponde a um método de investigação que reúne, organiza e interpreta achados de pesquisas já realizadas, possibilitando a construção de conclusões e reflexões críticas acerca de um tema delimitado (Soares *et al.*, 2014).



Inicialmente, conforme as orientações do Instituto Joanna Briggs (IJB) (Santos; Secoli; Püschel, 2018). Quanto à definição do título, formulação do objetivo, construção da questão de pesquisa, estratégias de busca, critérios de inclusão, bem como etapas de extração e síntese dos dados, foi estruturado o protocolo desta revisão (Quadro 1). As buscas foram realizadas de forma independente por dois pesquisadores e, posteriormente, os achados foram confrontados, a fim de reduzir possíveis discrepâncias.

Quadro 1. Protocolo para realização da pesquisa de revisão integrativa: Simulação Clínica na Formação Multiprofissional: Efeitos na Comunicação e Segurança do Paciente

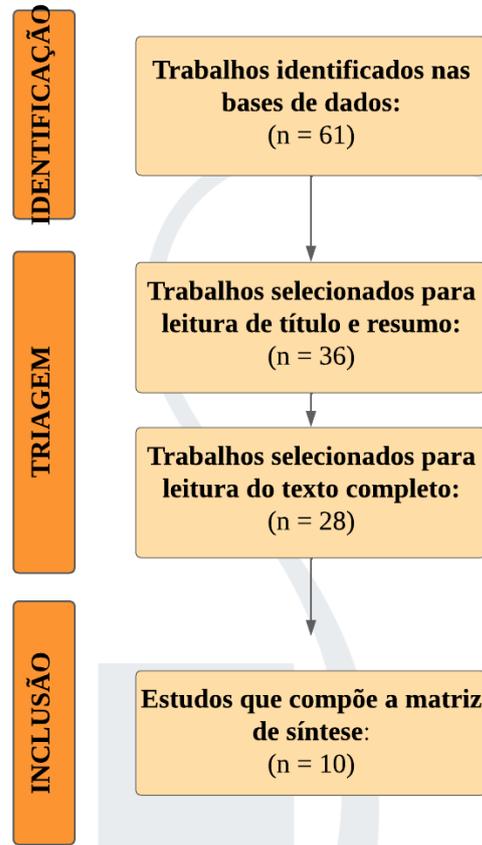
Etapas	Descrição
Título	Simulação Clínica na Formação Multiprofissional: Efeitos na Comunicação e Segurança do Paciente
1) Objetivo	Analisar as evidências disponíveis na literatura científica acerca dos efeitos da simulação clínica aplicada à formação multiprofissional em saúde, com foco na melhoria da comunicação e na promoção da segurança do paciente.
2) Questão norteadora	Quais são os efeitos da simulação clínica na formação multiprofissional em saúde para o aprimoramento da comunicação e da segurança do paciente?
3) Estratégias de busca	("Clinical Simulation" OR "Simulation Training" OR "Simulation-Based Learning") AND ("Health Education" OR "Interprofessional Education" OR "Multiprofessional Education" OR "Health Workforce Training") AND ("Patient Safety" OR "Quality of Health Care") AND ("Health Communication" OR "Interprofessional Communication" OR "Teamwork")
3.1) Bases de dados	MEDLINE; non-MEDLINE; IBECS
4) Critérios de inclusão	- Estudos publicados entre 2015 e 2025; - Artigos em inglês, português ou espanhol; - Pesquisas que abordem simulação clínica em contexto multiprofissional; - Estudos que relacionem simulação clínica com comunicação e/ou segurança do paciente.
5) Extração dos dados	Os artigos selecionados foram avaliados na íntegra por dois pesquisadores. Foram extraídas informações referentes ao tipo de estudo, participantes, definição de prática avançada, contexto e aplicação da simulação clínica. Em caso de divergências, um terceiro pesquisador auxiliou na resolução por consenso. Todos os dados foram organizados em planilha eletrônica.
6) Síntese das informações	As informações coletadas foram agrupadas de forma descritiva, possibilitando identificar convergências, lacunas de conhecimento e implicações para a formação multiprofissional e a prática em saúde.

Fonte: autores, 2025

A triagem dos estudos ocorreu a partir da leitura preliminar de títulos e resumos. Os trabalhos que apresentaram pertinência com a temática foram avaliados na íntegra e, quando contemplavam a questão norteadora, passaram a compor a amostra da revisão. Esse procedimento encontra-se representado na Figura 1.



Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos



Fonte: autores, 2025

RESULTADOS

Quadro 2. Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa

N	Autor/Ano	Delineamento	Participantes	Contexto	Contribuições
1	(Rausen; Holst; Davis, 2025)	Revisão narrativa	Não se aplica diretamente (ênfase em terapeutas respiratórios como parte da equipe multiprofissional)	Cuidados intensivos e treinamento baseado em simulação (Simulation-Based Training – SBT)	Evidenciou a importância da inclusão dos terapeutas respiratórios no desenho e na condução de simulações clínicas em cuidados críticos. Sua participação fortalece o treinamento em equipe, aprimora a comunicação interprofissional e contribui para a segurança do paciente em cenários de alto risco. Ressaltou ainda a



					necessidade de capacitação pedagógica, recursos humanos dedicados e maior colaboração entre profissionais para consolidar esses efeitos.
2	(Jitwiriyanont; Rawan; Narajeenron, 2025)	Estudo experimental (pré e pós-teste, análise acústica)	30 estudantes de saúde (medicina, enfermagem, tecnologia médica, tecnologia radiológica e farmácia)	Educação interprofissional em saúde, com simulação virtual em 3D (TeamSTEPPS) em situações de crise	A simulação virtual interprofissional melhorou parâmetros de comunicação não verbal, como polidez, assertividade e controle emocional, avaliados por análise acústica (duração, intensidade e frequência fundamental). Estudantes de medicina e enfermagem apresentaram avanços mais expressivos, enquanto outras áreas demonstraram maior calma e controle. O estudo reforça que a simulação clínica favorece a comunicação eficaz, a cooperação entre equipes e a segurança do paciente.
3	(Sung; Hsu, 2025)	Estudo prospectivo, de métodos mistos	237 participantes (médicos residentes, enfermeiros, terapeutas respiratórios e equipe administrativa)	Programa de Educação Interprofissional baseado em simulação, realizado em hospital universitário em ambientes de alta complexidade (emergência e UTI)	O programa de simulação mostrou avanços significativos na colaboração interprofissional e nas competências clínicas, especialmente na comunicação da liderança ($p=0,0328$). Houve tendências positivas em dimensões do trabalho em equipe, embora o desempenho global da equipe tenha apresentado ganhos modestos. A análise qualitativa apontou desafios persistentes como delegação de tarefas, reconhecimento tardio de mudanças clínicas e



					uso inconsistente de técnicas de comunicação (call-outs e check-backs). O estudo conclui que programas de simulação fortalecem a cooperação, mas demandam refinamento contínuo para maximizar segurança do paciente e efetividade das equipes.
4	(Rykhoff; Pereira; Wilkinson, 2024)	Estudo primário, de métodos mistos	130 estudantes (81 de enfermagem, 38 de paramedicina e 11 de telecomunicação em emergência)	Atividade educacional de simulação interprofissional para prática colaborativa e segurança do paciente	Os estudantes relataram atitudes positivas em relação ao trabalho em equipe e prática colaborativa. Houve diferenças significativas entre cursos nas dimensões “Trabalho em Equipe e Prática Baseada em Equipe” (p=0,00005) e “Papéis e Responsabilidades” (p=0,012). As análises temáticas destacaram comunicação e colaboração, liderança, cuidado centrado no paciente, segurança e crescimento profissional. O estudo conclui que a simulação interprofissional é uma estratégia eficaz para desenvolver habilidades de comunicação e colaboração, especialmente em situações de transferência de cuidado, contribuindo para a segurança do paciente.
5	(Jiang <i>et al.</i> , 2024)	Revisão de escopo (scoping review)	13 estudos quase-experimentais incluídos	Intervenções de educação interprofissional para segurança do paciente	A revisão identificou diversidade nas intervenções de educação interprofissional, com destaque para o uso da simulação como estratégia central. Evidenciou-se que muitos estudos focaram em



					melhorias de conhecimento, atitudes e práticas relacionadas à segurança, embora poucos tenham avaliado diretamente a redução de incidentes. Identificou ainda lacunas na mensuração objetiva do desempenho em equipe e recomendou mais ensaios clínicos randomizados. Concluiu que a simulação baseada em equipe e ferramentas estruturadas de avaliação devem ser fortalecidas para ampliar a segurança do paciente.
6	(Chae; Shon, 2024)	Estudo quase-experimental (pré e pós-teste)	27 profissionais de saúde (18 enfermeiros de UTI neonatal e berçário + 9 médicos pediatras)	Simulação interprofissional em reanimação neonatal (NICU)	O programa de simulação interprofissional mostrou melhorias significativas em trabalho em equipe (p=0,008), habilidades de comunicação (p=0,007), desempenho clínico (p=0,012), julgamento clínico (p<0,001), atitude interprofissional (p<0,001) e satisfação com o treinamento (4,73/5). Concluiu-se que a simulação clínica é eficaz para aprimorar comunicação, cooperação multiprofissional e segurança do paciente em cenários de alta complexidade neonatal.
7	(Arrogante <i>et al.</i> , 2023)	Estudo descritivo transversal, fenomenológico, com metodologia mista	18 profissionais de cuidados intensivos (enfermeiros, médicos e outros)	Curso “Instructor/a en simulación: Mejorando el Trabajo en Equipo a Través de TeamSTEPPS®” em contexto de UTI	O treinamento baseado em simulação com metodologia TeamSTEPPS® apresentou níveis adequados de desempenho no trabalho em equipe (média = 96,25) e boas práticas em simulação (média = 75). As entrevistas



					identificaram percepções positivas quanto à satisfação, utilidade, barreiras de implementação e desenvolvimento de habilidades não técnicas. O estudo conclui que a metodologia TeamSTEPPS® é uma estratégia eficaz para aprimorar comunicação, colaboração e segurança do paciente em cuidados críticos.
8	(Jensen <i>et al.</i> , 2023)	Estudo qualitativo, abordagem hermenêutica	20 profissionais (15 enfermeiros e 5 médicos)	Treinamento em simulação baseado em gestão de recursos em crise (CRM) para admissões em UTI	O treinamento em simulação para gestão de recursos em crise (CRM) promoveu melhorias nas habilidades não técnicas, como comunicação clara, definição de papéis, priorização de atividades clínicas e trabalho em equipe. O estudo evidenciou que a experiência estimulou crescimento profissional, reflexão sobre segurança do paciente e melhor estruturação das admissões em UTI. Conclui que a simulação favorece padrões colaborativos de cuidado e qualidade na admissão de pacientes críticos.
9	(Chen <i>et al.</i> , 2022)	Estudo de métodos mistos, com desenho cruzado	54 estudantes (18 de medicina e 36 de enfermagem)	Curso de simulação com abordagem comparativa entre IPE (interprofissional) e SPE (monoprofissional)	Comparou os efeitos da simulação interprofissional (IPE) com a simulação uniprofissional (SPE). Ambos os métodos resultaram em melhorias significativas no desempenho clínico e no comportamento em equipe, mas a IPE proporcionou maior



					oportunidade de vivência interprofissional, exposição a diferentes papéis e responsabilidades, e desenvolvimento de competências colaborativas. Concluiu que, embora a SPE possa ser uma alternativa em contextos de recursos limitados, a IPE é mais robusta para fortalecer comunicação e segurança do paciente.
10	(Keiser <i>et al.</i> , 2022)	Estudo de métodos mistos, observacional	29 equipes interprofissionais de estudantes (enfermagem, enfermagem avançada e fisioterapia)	Simulação interprofissional com uso de telehealth em atendimento domiciliar simulado	A Sim-IPE baseada em telehealth demonstrou alta efetividade para fortalecer comunicação interprofissional e trabalho em equipe em cenários domiciliares simulados. Os estudantes avaliaram positivamente a preparação, o cenário e o debriefing, destacando o aprendizado colaborativo e a integração de ferramentas virtuais como estratégias eficazes para segurança do paciente e prática interprofissional.

Fonte: autores, 2025

A análise dos estudos incluídos evidencia que a simulação clínica tem efeitos consistentes e positivos na formação multiprofissional em saúde, sobretudo no fortalecimento da comunicação e na promoção da segurança do paciente. Revisões narrativas e de escopo destacaram que a simulação, quando utilizada como estratégia central em programas de educação interprofissional, amplia a colaboração entre diferentes categorias profissionais, fomenta práticas de comunicação estruturada e contribui para a construção de uma cultura de segurança (Rausen; Holst; Davis, 2025; Jiang *et al.*, 2024). Contudo, essas revisões também apontaram lacunas metodológicas, como a escassez de ensaios clínicos randomizados e a necessidade de maior padronização na mensuração do desempenho coletivo (Jiang *et al.*, 2024).



Nos estudos experimentais e quase-experimentais, os resultados mostraram ganhos significativos em parâmetros técnicos e não técnicos. A simulação virtual em 3D baseada no TeamSTEPPS evidenciou aprimoramento da comunicação não verbal, maior assertividade, controle emocional e atitudes colaborativas, sobretudo entre estudantes de medicina e enfermagem (Jitwiriyanont; Rawan; Narajeenron, 2025). Em cenários de alta complexidade, como a reanimação neonatal em unidades de terapia intensiva, a simulação interprofissional favoreceu melhorias em trabalho em equipe, habilidades de comunicação, julgamento clínico e desempenho prático (Chae; Shon, 2024). De modo semelhante, programas em hospitais universitários demonstraram avanços na colaboração interprofissional e na comunicação da liderança, ainda que persistam desafios na delegação de tarefas e uso consistente de técnicas comunicacionais (Sung; Hsu, 2025).

Nos estudos de métodos mistos e qualitativos, a simulação mostrou impacto na formação de atitudes e no fortalecimento de habilidades não técnicas. Em atividades educacionais, estudantes de diferentes cursos relataram atitudes positivas quanto à prática colaborativa, especialmente em situações de transferência de cuidado (Rykhoff; Pereira; Wilkinson, 2024). Em treinamentos com foco em gestão de recursos em crise, profissionais de saúde destacaram melhorias em comunicação clara, definição de papéis, priorização de atividades e reflexão sobre segurança do paciente (Jensen *et al.*, 2023). Já em programas baseados no TeamSTEPPS®, a simulação foi percebida como estratégia eficaz para colaboração multiprofissional e para o desenvolvimento de competências não técnicas em cuidados críticos (Arrogante *et al.*, 2023).

Além disso, comparações entre simulações interprofissionais e monoprofissionais reforçaram que a primeira proporciona maior integração entre papéis e responsabilidades, resultando em desenvolvimento mais robusto de competências colaborativas (Chen *et al.*, 2022). A incorporação de telehealth em cenários simulados ampliou a efetividade das práticas colaborativas e da comunicação interprofissional, com avaliações positivas quanto ao preparo, ao debriefing e à integração de ferramentas virtuais (Keiser *et al.*, 2022).

Em síntese, os resultados convergem para o reconhecimento da simulação clínica como recurso pedagógico robusto e indispensável no fortalecimento da comunicação multiprofissional e na melhoria dos resultados de segurança em saúde (Rausen; Holst; Davis, 2025; Jitwiriyanont; Rawan; Narajeenron, 2025; Sung; Hsu, 2025; Rykhoff; Pereira;



Wilkinson, 2024; Jiang *et al.*, 2024; Chae; Shon, 2024; Arrogante *et al.*, 2023; Jensen *et al.*, 2023; Chen *et al.*, 2022; Keiser *et al.*, 2022).

DISCUSSÃO

Definição e Propósito da Simulação Clínica

Simulação clínica é um método de treinamento que replica cenários do mundo real para aprimorar habilidades e conhecimentos em um ambiente seguro. Essa abordagem permite que profissionais de saúde pratiquem habilidades técnicas e não técnicas sem representar riscos aos pacientes (Hamstra; Philibert, 2012). O objetivo principal da simulação clínica é preencher a lacuna entre o conhecimento teórico e a aplicação prática, proporcionando uma experiência de aprendizado prática que aprimora a competência e a confiança. Ao imergir os alunos em situações clínicas realistas, a simulação permite que eles desenvolvam pensamento crítico, resolução de problemas e habilidades de tomada de decisão, essenciais para um atendimento eficaz ao paciente.

A simulação clínica é uma ferramenta versátil que pode ser utilizada para aprimorar a comunicação, o trabalho em equipe e a segurança do paciente em diversos contextos clínicos (Opazo Morales; Rojo; Maestre, 2017). Ela oferece um ambiente estruturado para que profissionais de saúde pratiquem e refinem suas habilidades, recebam feedback imediato e reflitam sobre seu desempenho. Esse processo iterativo de prática, feedback e reflexão promove aprendizado e aprimoramento contínuos, levando a melhores resultados clínicos. Além disso, a simulação clínica facilita a padronização do treinamento e da avaliação, garantindo que todos os alunos atinjam um nível mínimo de competência antes de ingressarem no ambiente clínico.

O uso da simulação clínica como abordagem pedagógica está se expandindo globalmente, tornando-se um componente essencial no treinamento e desenvolvimento de profissionais de saúde (Opazo Morales; Rojo; Maestre, 2017). À medida que a saúde se torna cada vez mais complexa e interdisciplinar, a necessidade de programas de treinamento eficazes baseados em simulação é maior do que nunca. Esses programas não apenas aprimoram as habilidades individuais, mas também promovem a colaboração e a comunicação entre diferentes disciplinas da saúde, levando à melhoria do atendimento e da segurança do paciente. O crescente reconhecimento dos benefícios da simulação clínica levou à sua ampla adoção em



escolas de medicina, programas de enfermagem e outras instituições de treinamento em saúde em todo o mundo.

Evolução da Simulação Clínica na Educação Multiprofissional

A simulação clínica evoluiu significativamente dos métodos tradicionais para o uso de tecnologias avançadas, como a realidade virtual (RV) (Vora *et al.*, 2025). As primeiras formas de simulação frequentemente envolviam manequins simples ou exercícios de dramatização, que forneciam realismo e interatividade limitados. No entanto, com os avanços na tecnologia, a simulação clínica tornou-se mais sofisticada, incorporando simuladores de alta fidelidade, simulações baseadas em computador e ambientes de RV que imitam de perto os cenários clínicos do mundo real. Essa evolução tecnológica aumentou o realismo e a eficácia do treinamento baseado em simulação, permitindo que os alunos mergulhem em cenários clínicos complexos e pratiquem suas habilidades em um ambiente seguro e controlado.

Inicialmente, a simulação clínica concentrava-se principalmente no desenvolvimento de habilidades técnicas, como a realização de procedimentos cirúrgicos ou a administração de medicamentos. No entanto, o escopo da simulação expandiu-se para integrar o desenvolvimento de habilidades de comunicação e trabalho em equipe (Opazo Morales; Rojo; Maestre, 2017). Reconhecendo que a prestação eficaz de cuidados de saúde requer não apenas expertise técnica, mas também fortes habilidades interpessoais e colaborativas, os programas de simulação agora incorporam cenários que enfatizam a comunicação, a liderança e a resolução de conflitos. Essa mudança em direção a uma abordagem mais holística ao treinamento reflete a crescente compreensão da importância das habilidades não técnicas para garantir a segurança do paciente e a qualidade do atendimento.

Essa evolução responde à necessidade de preparar profissionais para o trabalho colaborativo e interdisciplinar (Champagne-Langabeer *et al.*, 2019). A assistência médica moderna depende cada vez mais de equipes interprofissionais trabalhando juntas para fornecer atendimento abrangente ao paciente. A simulação clínica oferece uma plataforma valiosa para o treinamento dessas equipes, permitindo que membros de diferentes disciplinas pratiquem a comunicação, a coordenação e a colaboração em cenários clínicos realistas. Ao promover uma compreensão compartilhada de funções, responsabilidades e estilos de comunicação, o treinamento baseado em simulação promove o trabalho em equipe eficaz e aprimora a prestação de atendimento centrado no paciente.



Importância da Formação Multiprofissional

O treinamento multiprofissional promove a colaboração e a comunicação eficaz entre diferentes disciplinas da saúde (Bridges *et al.*, 2011). No complexo ambiente de saúde atual, os pacientes frequentemente recebem cuidados de uma equipe de profissionais com diversas formações e conhecimentos. A colaboração e a comunicação eficazes entre esses profissionais são essenciais para garantir que os pacientes recebam cuidados coordenados, abrangentes e seguros. Programas de treinamento multiprofissional oferecem oportunidades para alunos de diferentes disciplinas interagirem, aprenderem uns com os outros e desenvolverem uma compreensão compartilhada de suas respectivas funções e responsabilidades.

Equipes bem integradas melhoram a qualidade do atendimento e a segurança do paciente (Bridges *et al.*, 2011). Quando os profissionais de saúde trabalham juntos de forma eficaz como uma equipe, eles são mais capazes de identificar e atender às necessidades dos pacientes, prevenir erros médicos e responder a emergências. Uma equipe bem integrada promove uma cultura de responsabilidade compartilhada, onde todos os membros se sentem capacitados para se manifestar e contribuir para o melhor resultado possível para o paciente. Essa abordagem colaborativa para a prestação de cuidados leva à melhoria da satisfação do paciente, à redução das taxas de readmissão hospitalar e à melhoria da qualidade geral do atendimento.

A simulação clínica oferece um ambiente ideal para o desenvolvimento dessas competências interprofissionais (Cooper-loelu; Jowsey, 2022). O treinamento baseado em simulação proporciona um ambiente seguro e controlado para que profissionais de saúde pratiquem o trabalho em conjunto em cenários clínicos realistas. Esses cenários podem ser projetados para desafiar equipes a se comunicarem efetivamente, coordenarem suas ações e resolverem conflitos de maneira oportuna e construtiva. Ao participar de exercícios de simulação interprofissional, os alunos desenvolvem as habilidades e atitudes necessárias para atuar efetivamente como membros de uma equipe de saúde colaborativa.

Metodologias de Simulação Clínica

Simulação Baseada em Cenários

A simulação baseada em cenários envolve a criação de situações clínicas realistas para testar e aprimorar as habilidades dos participantes (Mason; Lyons, 2013). Esses cenários são



projetados para imitar os desafios e as complexidades da prática clínica do mundo real, proporcionando aos alunos oportunidades de aplicar seus conhecimentos, praticar suas habilidades e desenvolver suas capacidades de pensamento crítico. Os cenários podem ser adaptados a objetivos de aprendizagem específicos, permitindo que os instrutores definam competências específicas e avaliem o progresso dos alunos de forma focada e eficiente.

Esses cenários podem variar em complexidade, desde casos simples até emergências complexas (Redjem *et al.*, 2025). Cenários simples podem se concentrar em habilidades básicas, como coletar o histórico do paciente ou realizar um exame físico, enquanto cenários complexos podem envolver o gerenciamento de pacientes com múltiplas comorbidades ou a resposta a emergências com risco de vida. A complexidade do cenário pode ser ajustada para corresponder ao nível de experiência e treinamento dos alunos, garantindo que a simulação seja desafiadora, mas não exaustiva.

A simulação de cenários é eficaz para o ensino do reconhecimento de problemas e da tomada rápida de decisões (Mason; Lyons, 2013). Ao imergir os alunos em cenários clínicos realistas, a simulação os força a enfrentar desafios do mundo real e a tomar decisões críticas sob pressão. Esse tipo de treinamento ajuda os alunos a desenvolver sua capacidade de avaliar rapidamente uma situação, identificar problemas potenciais e implementar intervenções apropriadas. O feedback imediato fornecido durante e após a simulação permite que os alunos reflitam sobre suas decisões e aprendam com seus erros, levando a um melhor julgamento clínico e habilidades de tomada de decisão.

Simulação com Pacientes Simulados

Pacientes simulados (atores treinados) desempenham papéis de pacientes para criar interações realistas (Zambrano Sánchez *et al.*, 2020). Esses atores são treinados para retratar uma ampla gama de características do paciente, incluindo histórico médico, sintomas físicos, estados emocionais e estilos de comunicação. Ao interagir com pacientes simulados, os alunos podem praticar suas habilidades clínicas em um ambiente seguro e controlado, recebendo feedback imediato sobre seu desempenho tanto do paciente simulado quanto do instrutor.

Esta metodologia é útil para desenvolver habilidades de comunicação, empatia e habilidades de exame clínico (Zambrano Sánchez *et al.*, 2020). A interação com pacientes simulados oferece aos alunos oportunidades de praticar suas habilidades de comunicação, incluindo escuta ativa, empatia e comunicação clara e concisa. Pacientes simulados também



podem fornecer feedback valioso sobre a comunicação não verbal dos alunos, como contato visual, linguagem corporal e tom de voz. Além disso, pacientes simulados podem ser usados para avaliar as habilidades de exame clínico dos alunos, fornecendo feedback sobre sua capacidade de realizar um exame físico completo e preciso.

A interação com pacientes simulados permite que os alunos pratiquem uma abordagem centrada no paciente (Champagne-Langabeer *et al.*, 2019). Uma abordagem centrada no paciente enfatiza a importância de compreender a perspectiva, os valores e as preferências do paciente e de envolvê-lo no processo de tomada de decisão. Ao interagir com pacientes simulados, os alunos podem praticar a obtenção dessas informações e incorporá-las à sua tomada de decisão clínica. Esse tipo de treinamento ajuda os alunos a desenvolver uma abordagem mais holística e compassiva ao atendimento ao paciente.

Simulação Virtual e Realidade Aumentada

A simulação virtual utiliza software e hardware para criar ambientes clínicos interativos (Vora *et al.*, 2025). Essas simulações podem variar de simples simulações baseadas em computador a ambientes complexos de realidade virtual que imergem o aluno em um ambiente clínico realista. A simulação virtual oferece uma série de vantagens em relação aos métodos de simulação tradicionais, incluindo maior flexibilidade, escalabilidade e custo-benefício.

A realidade aumentada sobrepõe informações digitais ao mundo real, proporcionando uma experiência de aprendizagem imersiva (Narajeenron *et al.*, 2025). A realidade aumentada (RA) combina o mundo real com informações digitais, criando uma experiência de aprendizagem interativa e envolvente. Na simulação clínica, a RA pode ser usada para sobrepor modelos anatômicos, dados fisiológicos ou orientações processuais em um ambiente do mundo real, fornecendo aos alunos informações e suporte em tempo real enquanto praticam suas habilidades. Essa tecnologia tem o potencial de aumentar o realismo e a eficácia do treinamento baseado em simulação, especialmente para procedimentos ou tarefas complexas.

Essas tecnologias oferecem flexibilidade e escalabilidade, permitindo o treinamento em diversos locais e horários (Vora *et al.*, 2025). A simulação virtual e a realidade aumentada podem ser acessadas de qualquer lugar com conexão à internet, tornando-as ideais para aprendizado remoto ou treinamento em ambientes com recursos limitados. Essas tecnologias também podem ser dimensionadas para acomodar um grande número de alunos, tornando-as



uma solução econômica para o treinamento de profissionais de saúde em uma ampla área geográfica. A flexibilidade e a escalabilidade da simulação virtual e da realidade aumentada as tornam ferramentas valiosas para aprimorar a educação e o treinamento em saúde.

Efeitos da Simulação na Comunicação Interprofissional

Melhoria na Comunicação Verbal e Não Verbal

A simulação clínica melhora a comunicação verbal e não verbal entre os membros da equipe (Bridges *et al.*, 2011). A comunicação eficaz é essencial para garantir a segurança do paciente e fornecer cuidados de alta qualidade. A simulação clínica fornece um ambiente estruturado para que os profissionais de saúde pratiquem a comunicação entre si, utilizando sinais verbais e não verbais para transmitir informações, fazer perguntas e fornecer feedback. Ao participar de exercícios de simulação, os alunos podem desenvolver suas habilidades de comunicação e aprender a se comunicar de forma mais eficaz em um ambiente de equipe.

Os participantes aprendem a transmitir informações de forma clara e concisa, evitando mal-entendidos (Watters *et al.*, 2015). A comunicação clara e concisa é fundamental para prevenir erros e garantir que todos os membros da equipe estejam alinhados. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem a transmissão de informações de forma clara e concisa, utilizando protocolos e técnicas de comunicação padronizados. Ao receber feedback sobre suas habilidades de comunicação, os alunos podem identificar áreas para melhoria e desenvolver estratégias para evitar mal-entendidos.

O feedback estruturado após simulações ajuda a identificar áreas para melhoria da comunicação (Narajeenron *et al.*, 2025). O feedback é um componente essencial do treinamento baseado em simulação, fornecendo aos alunos informações específicas e acionáveis sobre seu desempenho. Sessões de feedback estruturadas após simulações permitem que os alunos reflitam sobre suas habilidades de comunicação, identifiquem áreas em que se destacaram e desenvolvam estratégias para melhorar sua comunicação no futuro. Esse processo iterativo de prática, feedback e reflexão promove aprendizado e aprimoramento contínuos, levando ao aprimoramento das habilidades de comunicação e à melhoria do atendimento ao paciente.

Desenvolvimento de Habilidades de Escuta Ativa



A simulação clínica incentiva a escuta ativa, permitindo que os profissionais entendam as perspectivas dos outros membros da equipe (Cho; Jung; Leem, 2022). A escuta ativa envolve prestar muita atenção ao que os outros estão dizendo, tanto verbalmente quanto não verbalmente, e fazer um esforço para entender o ponto de vista deles. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem habilidades de escuta ativa, como parafrasear, esclarecer e resumir, que são essenciais para uma comunicação e colaboração eficazes. Ao desenvolver suas habilidades de escuta ativa, os alunos podem melhorar sua capacidade de entender e responder às necessidades e preocupações de seus colegas, levando a um melhor trabalho em equipe e atendimento ao paciente.

A escuta ativa é essencial para a tomada de decisões colaborativa e para evitar erros de comunicação (Cho; Jung; Leem, 2022). Em uma equipe de saúde, as decisões são frequentemente tomadas de forma colaborativa, com a contribuição de vários profissionais com diversas formações e conhecimentos. A escuta ativa é essencial para garantir que todos os membros da equipe tenham a oportunidade de contribuir para o processo de tomada de decisão e que suas perspectivas sejam levadas em consideração. Ao ouvirem uns aos outros ativamente, os membros da equipe podem evitar mal-entendidos, identificar possíveis erros e tomar decisões informadas que sejam do melhor interesse do paciente.

Exercícios de dramatização e feedback em grupo fortalecem essas habilidades (Cho; Jung; Leem, 2022). Exercícios de dramatização e sessões de feedback em grupo proporcionam aos alunos oportunidades de praticar habilidades de escuta ativa em um ambiente seguro e de apoio. Durante os exercícios de dramatização, os alunos podem assumir diferentes papéis dentro de uma equipe de saúde, praticando a comunicação e a colaboração entre si em cenários clínicos realistas. Sessões de feedback em grupo permitem que os alunos recebam críticas construtivas de seus colegas e instrutores, identificando áreas onde podem aprimorar suas habilidades de escuta ativa e a eficácia da comunicação.

Promoção de um Ambiente de Comunicação Aberta

A simulação cria um ambiente seguro para a prática de comunicação aberta e honesta (Mason; Lyons, 2013). A comunicação aberta e honesta é essencial para a criação de uma cultura de segurança na área da saúde. A simulação clínica proporciona um ambiente seguro e confidencial para que os alunos pratiquem a comunicação aberta e honesta entre si, sem medo de julgamento ou represália. Ao criar esse espaço seguro, a simulação incentiva os



alunos a compartilhar suas preocupações, fazer perguntas e fornecer feedback, levando a uma melhor comunicação e colaboração.

Os participantes sentem-se mais confortáveis em expressar as suas opiniões e preocupações, promovendo a segurança do paciente (Bridges *et al.*, 2011). Quando os profissionais de saúde se sentem confortáveis em expressar as suas opiniões e preocupações, são mais propensos a manifestar-se caso vejam algo que possa potencialmente prejudicar um paciente. A simulação clínica proporciona aos alunos oportunidades para praticarem a expressão oral num ambiente seguro e controlado, desenvolvendo a confiança e as competências necessárias para defender a segurança do paciente no mundo real.

A cultura de segurança é fortalecida quando todos os membros da equipe se sentem valorizados e ouvidos (Bohmann *et al.*, 2021). Uma cultura de segurança forte é aquela em que todos os membros da equipe se sentem valorizados, respeitados e ouvidos. A simulação clínica pode ajudar a promover esse tipo de cultura, proporcionando oportunidades para que os alunos pratiquem a comunicação aberta e honesta entre si, independentemente de sua formação ou status profissional. Quando todos os membros da equipe se sentem valorizados e ouvidos, é mais provável que trabalhem juntos de forma eficaz para garantir a segurança do paciente e fornecer cuidados de alta qualidade.

Impacto da Simulação na Segurança do Paciente

Redução de Erros Médicos

A simulação clínica auxilia na identificação e correção de erros em um ambiente controlado, reduzindo a probabilidade de ocorrência no ambiente real (Hamstra; Philibert, 2012). Ao proporcionar um espaço seguro para cometer erros e aprender com eles, a simulação permite que os profissionais de saúde identifiquem potenciais fontes de erros e desenvolvam estratégias para preveni-los no ambiente clínico. Essa abordagem proativa para a prevenção de erros pode reduzir significativamente a incidência de erros médicos e melhorar a segurança do paciente.

A prática repetida de cenários de emergência melhora a resposta da equipe e minimiza erros relacionados ao estresse (Redjem *et al.*, 2025). Situações de emergência podem ser altamente estressantes, levando a erros de julgamento e desempenho. A simulação clínica oferece oportunidades para profissionais de saúde praticarem a resposta a cenários de emergência em um ambiente controlado, permitindo que desenvolvam suas habilidades e



construam sua confiança. Ao praticar esses cenários repetidamente, os alunos podem melhorar sua capacidade de responder de forma rápida e eficaz em emergências do mundo real, minimizando o risco de erros relacionados ao estresse.

O treinamento por simulação contribui para a criação de protocolos mais seguros e eficazes (Redjem *et al.*, 2025). Ao identificar problemas potenciais e testar diferentes abordagens em um ambiente simulado, os profissionais de saúde podem desenvolver protocolos mais seguros e eficazes para o atendimento ao paciente. A simulação também pode ser usada para avaliar a eficácia dos protocolos existentes e identificar áreas para melhoria. Esse processo iterativo de desenvolvimento e avaliação de protocolos pode levar a melhorias significativas na segurança e nos resultados do paciente.

Melhoria na Resposta a Emergências

A simulação prepara os profissionais para responder de forma rápida e eficaz a emergências clínicas (Redjem *et al.*, 2025). Emergências clínicas exigem que os profissionais de saúde atuem de forma rápida e decisiva, muitas vezes sob intensa pressão. O treinamento baseado em simulação oferece aos alunos oportunidades de praticar a resposta a esses tipos de situações em um ambiente seguro e controlado, permitindo que desenvolvam as habilidades e a confiança necessárias para gerenciar emergências do mundo real de forma eficaz.

A prática em cenários de alta pressão aumenta a confiança e a competência da equipe em situações críticas (Bohmann *et al.*, 2019). Cenários de alta pressão podem ser particularmente desafiadores para profissionais de saúde, exigindo que tomem decisões rápidas e executem tarefas complexas sob estresse. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem o trabalho nesses tipos de situações, permitindo que desenvolvam suas habilidades e construam sua confiança. Ao praticar repetidamente cenários de alta pressão, os alunos podem melhorar sua capacidade de desempenho eficaz em situações críticas, levando a melhores resultados para os pacientes.

A simulação *in situ*, realizada no ambiente de trabalho real, é particularmente eficaz para aprimorar a resposta a emergências (Bridges *et al.*, 2011). A simulação *in situ* envolve a realização de exercícios de simulação no ambiente clínico real onde os profissionais de saúde trabalham. Esse tipo de simulação oferece uma série de vantagens em relação aos métodos tradicionais de simulação, incluindo maior realismo, melhor comunicação da equipe e a identificação de ameaças latentes à segurança no ambiente clínico. Ao realizar exercícios de



simulação no ambiente de trabalho real, os profissionais de saúde podem aprimorar sua capacidade de responder efetivamente a emergências e aumentar a segurança do paciente.

Promoção de uma Cultura de Segurança

A simulação clínica promove uma cultura de segurança ao enfatizar a importância do trabalho em equipe, da comunicação e do aprendizado contínuo (Bohmann *et al.*, 2021). Uma cultura de segurança é aquela em que todos os membros da equipe de saúde estão comprometidos com a prevenção de erros e a promoção da segurança do paciente. A simulação clínica pode ajudar a fomentar esse tipo de cultura, proporcionando oportunidades para que os alunos pratiquem o trabalho em equipe de forma eficaz, com comunicação aberta e honesta, e aprendam continuamente com suas experiências.

A análise de incidentes simulados permite a identificação de falhas no sistema e a implementação de melhorias (Alsabri *et al.*, 2022). Ao analisar as causas de erros e eventos adversos que ocorrem durante exercícios de simulação, os profissionais de saúde podem identificar falhas no sistema e implementar melhorias para evitar que eventos semelhantes ocorram no ambiente clínico. Essa abordagem proativa para a prevenção de erros pode aumentar significativamente a segurança do paciente e aprimorar a qualidade geral do atendimento.

A simulação incentiva o relato de erros e a busca por soluções, em vez de culpar indivíduos (Bohmann *et al.*, 2021). Em uma cultura sem culpa, os profissionais de saúde são incentivados a relatar erros e eventos adversos sem medo de punição ou represália. A simulação clínica pode ajudar a fomentar esse tipo de cultura, proporcionando um ambiente seguro e confidencial para os alunos discutirem erros e desenvolverem estratégias para preveni-los no futuro. Ao se concentrarem em soluções em nível de sistema, em vez de culpar indivíduos, as organizações de saúde podem criar um ambiente mais favorável e eficaz para promover a segurança do paciente.

Simulação Clínica e Trabalho em Equipe

Fortalecimento da Coordenação da Equipe

A simulação clínica fortalece a coordenação da equipe, ensinando os membros a trabalharem juntos de forma eficiente (Watters *et al.*, 2015). A coordenação eficaz da equipe é essencial para garantir que os pacientes recebam atendimento oportuno, eficiente e de alta



qualidade. A simulação clínica oferece oportunidades para os profissionais de saúde praticarem o trabalho em equipe, coordenando suas ações e se comunicando de forma eficaz entre si. Ao participar de exercícios de simulação, os alunos podem desenvolver as habilidades e atitudes necessárias para atuar efetivamente como membros de uma equipe coesa e bem coordenada.

Os participantes aprendem a delegar tarefas, comunicar informações importantes e antecipar as necessidades dos outros (Champagne-Langabeer *et al.*, 2019). Delegação, comunicação e antecipação são componentes-chave da coordenação eficaz da equipe. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem a delegação adequada de tarefas, a comunicação clara e concisa de informações importantes e a antecipação das necessidades dos colegas. Ao desenvolver essas habilidades, os alunos podem aprimorar sua capacidade de trabalhar em conjunto de forma eficiente e eficaz, levando a melhores resultados para os pacientes.

A coordenação eficaz da equipe melhora a qualidade do atendimento e reduz o tempo de resposta em emergências (Watters *et al.*, 2015). Quando as equipes de saúde são bem coordenadas, elas conseguem responder com mais rapidez e eficácia às emergências, minimizando o risco de eventos adversos e melhorando os resultados para os pacientes. A coordenação eficaz da equipe também contribui para a melhoria da qualidade do atendimento, garantindo que os pacientes recebam atendimento oportuno, eficiente e abrangente de uma equipe de profissionais que trabalham em conjunto de forma integrada.

Definição Clara de Papéis e Responsabilidades

A simulação ajuda a definir claramente as funções e responsabilidades de cada membro da equipe (Cooper-loelu; Jowsey, 2022). Em uma equipe de saúde que funciona bem, cada membro tem uma compreensão clara de suas funções e responsabilidades. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem a definição e o esclarecimento de funções e responsabilidades dentro de uma equipe, garantindo que todos os membros entendam suas contribuições individuais e como se encaixam na dinâmica geral da equipe.

Quando todos conhecem suas funções, a equipe opera de forma mais organizada e eficiente (Cooper-loelu; Jowsey, 2022). Quando os membros da equipe têm uma compreensão clara de suas funções e responsabilidades, eles são mais capazes de trabalhar juntos de forma eficiente e eficaz. Funções e responsabilidades claras minimizam a duplicação de esforços, reduzem o risco de erros e melhoram o desempenho geral da equipe.



A clareza de funções minimiza a duplicação de esforços e a omissão de tarefas importantes (Bridges *et al.*, 2011). Quando as funções e responsabilidades são claramente definidas, os membros da equipe têm menos probabilidade de duplicar os esforços uns dos outros ou negligenciar tarefas importantes. Essa clareza garante que todas as tarefas necessárias sejam concluídas em tempo hábil e de forma eficiente, resultando em melhores cuidados e resultados para o paciente.

Resolução de Conflitos e Tomada de Decisão Compartilhada

A simulação oferece oportunidades para praticar a resolução de conflitos e a tomada de decisões compartilhada (Champagne-Langabeer *et al.*, 2019). O conflito é inevitável em qualquer ambiente de equipe, mas pode ser particularmente desafiador na área da saúde, onde as decisões frequentemente têm consequências de vida ou morte. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem a resolução de conflitos de forma construtiva e a tomada de decisões colaborativa, garantindo que todos os membros da equipe tenham a oportunidade de contribuir para o processo de tomada de decisão.

Os participantes aprendem a negociar, chegar a acordos e a alcançar soluções que beneficiem o paciente (Watters *et al.*, 2015). A resolução eficaz de conflitos envolve negociação, compromisso e foco na busca de soluções que beneficiem o paciente. A simulação clínica oferece oportunidades para os alunos praticarem essas habilidades, permitindo-lhes desenvolver sua capacidade de lidar com divergências e chegar a um consenso sobre a melhor linha de ação para o paciente.

A tomada de decisão compartilhada aumenta o engajamento da equipe e a adesão às decisões (Narajeenron *et al.*, 2025). Quando todos os membros da equipe estão envolvidos no processo de tomada de decisão, é mais provável que se sintam engajados e comprometidos com as decisões tomadas. A tomada de decisão compartilhada também garante que as decisões sejam baseadas nas melhores evidências disponíveis e que todas as perspectivas relevantes sejam levadas em consideração, levando a melhores resultados para os pacientes.

Ferramentas de Avaliação na Simulação Clínica

Checklists de Desempenho

Listas de verificação de desempenho são ferramentas estruturadas para avaliar habilidades técnicas e não técnicas durante a simulação (Narajeenron *et al.*, 2025). Essas listas



de verificação fornecem uma maneira padronizada e objetiva de avaliar o desempenho dos alunos, garantindo que todos os participantes sejam avaliados usando os mesmos critérios. As listas de verificação de desempenho geralmente incluem uma lista de habilidades ou comportamentos específicos que são considerados essenciais para um desempenho competente, juntamente com uma escala de classificação para indicar o nível de proficiência demonstrado pelo aluno.

Elas fornecem critérios objetivos para medir o desempenho dos participantes (Carrasco-Guirao *et al.*, 2024). As listas de verificação de desempenho fornecem critérios objetivos para medir o desempenho dos participantes, reduzindo o potencial de viés e garantindo que todos os alunos sejam avaliados de forma justa. Os critérios são normalmente baseados em melhores práticas e diretrizes estabelecidas, fornecendo um padrão claro e consistente para avaliar o desempenho.

As listas de verificação ajudam a identificar pontos fortes e fracos, orientando o feedback e o planejamento de melhorias (Narajeenron *et al.*, 2025). Ao fornecer uma avaliação detalhada do desempenho dos alunos, as listas de verificação podem ajudar a identificar áreas de pontos fortes e fracos. Essas informações podem ser usadas para fornecer feedback direcionado e desenvolver planos de melhoria individualizados, garantindo que os alunos recebam o apoio necessário para desenvolver suas habilidades e competências.

Questionários de Autoavaliação e Avaliação por Pares

Questionários de autoavaliação permitem que os participantes reflitam sobre seu próprio desempenho e identifiquem áreas de melhoria (Carrasco-Guirao *et al.*, 2024). A autoavaliação é um componente importante da aprendizagem ao longo da vida, incentivando os alunos a assumirem a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento e a identificarem áreas em que precisam melhorar. Os questionários de autoavaliação fornecem uma maneira estruturada para os alunos refletirem sobre seu desempenho, considerando seus pontos fortes e fracos e identificando metas específicas de melhoria.

A avaliação por pares fornece feedback de outros membros da equipe, oferecendo diferentes perspectivas (Cho; Jung; Leem, 2022). A avaliação por pares envolve alunos que fornecem feedback uns aos outros sobre seu desempenho, oferecendo diferentes perspectivas e percepções que podem não ser aparentes para o aluno individualmente. A avaliação por pares



pode ser uma ferramenta valiosa para promover a autoconsciência e encorajar os alunos a considerar diferentes abordagens para o atendimento ao paciente.

Essas ferramentas promovem a reflexão e a aprendizagem contínua (Narajeenron *et al.*, 2025). A autoavaliação e a avaliação pelos pares promovem a reflexão e a aprendizagem contínua, incentivando os alunos a se envolverem em um processo de autoavaliação e aprimoramento. Ao refletir sobre seu desempenho e receber feedback de outras pessoas, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais profunda de seus pontos fortes e fracos e identificar estratégias específicas para aprimorar suas habilidades e competências.

Feedback Estruturado e Debriefing

O feedback estruturado é uma parte essencial da simulação clínica, fornecendo informações específicas e acionáveis sobre o desempenho (Narajeenron *et al.*, 2025). O feedback é mais eficaz quando é específico, oportuno e acionável, fornecendo aos alunos informações concretas sobre seu desempenho e sugerindo medidas específicas que eles podem tomar para melhorar. Sessões de feedback estruturado após as simulações oferecem aos alunos oportunidades de receber esse tipo de feedback de instrutores e colegas, aprimorando seu aprendizado e promovendo a melhoria contínua.

O debriefing, uma discussão reflexiva após a simulação, permite que os participantes analisem suas ações e aprendam com a experiência (Narajeenron *et al.*, 2025). O debriefing é um componente crítico da aprendizagem baseada em simulação, proporcionando aos alunos oportunidades de refletir sobre seu desempenho, analisar suas ações e aprender com suas experiências. Durante as sessões de debriefing, os alunos podem discutir o que deu certo, o que poderia ter sido feito de forma diferente e o que aprenderam com a experiência da simulação.

O debriefing eficaz promove mudanças comportamentais e melhorias contínuas (Narajeenron *et al.*, 2025). O debriefing eficaz pode promover mudanças comportamentais e melhorias contínuas, ajudando os alunos a identificar áreas em que precisam melhorar e a desenvolver estratégias específicas para aprimorar suas habilidades e competências. O debriefing também oferece aos alunos a oportunidade de reforçar comportamentos positivos e desenvolver sua confiança em sua capacidade de fornecer atendimento de alta qualidade aos pacientes.

Desafios na Implementação da Simulação Clínica



Custos e Recursos

A implementação de simulação clínica pode ser dispendiosa, exigindo investimentos em equipamentos, software e treinamento de pessoal (Hamstra; Philibert, 2012). O investimento inicial em equipamentos de simulação, como manequins de alta fidelidade, sistemas de realidade virtual e simulações baseadas em computador, pode ser substancial. Os custos contínuos incluem manutenção de software, atualizações de equipamentos e salários de pessoal de simulação treinado.

A alocação de recursos financeiros e humanos é um desafio para muitas instituições (Hamstra; Philibert, 2012). Muitas organizações de saúde enfrentam dificuldades para alocar os recursos financeiros e humanos necessários para apoiar um programa abrangente de simulação clínica. Prioridades conflitantes, restrições orçamentárias e escassez de pessoal podem dificultar a obtenção dos recursos necessários para implementar e manter um programa de simulação de alta qualidade.

É importante realizar uma análise de custo-benefício para justificar o investimento em simulação (Schram *et al.*, 2024). Para justificar o investimento em simulação clínica, é importante realizar uma análise de custo-benefício completa, ponderando os custos de implementação e manutenção em relação aos benefícios potenciais em termos de melhoria da segurança do paciente, redução de erros médicos e melhoria dos resultados clínicos. Uma análise de custo-benefício bem conduzida pode fornecer evidências valiosas para embasar a alocação de recursos para programas de simulação clínica.

Resistência à Mudança

Alguns profissionais de saúde podem resistir à adoção da simulação clínica, preferindo métodos tradicionais de treinamento (Glavin, 2011). Alguns profissionais de saúde podem apresentar resistência à adoção da simulação clínica, preferindo métodos tradicionais de treinamento, como palestras, livros didáticos e estágios clínicos. Essa resistência pode advir da falta de familiaridade com a tecnologia de simulação, da percepção de que a simulação não é tão realista quanto a experiência clínica do mundo real ou da preocupação de que a simulação seja usada para avaliar seu desempenho.

A falta de familiaridade com a tecnologia e a preocupação com a avaliação de desempenho podem gerar resistência (Glavin, 2011). A falta de familiaridade com a tecnologia de simulação pode ser uma barreira significativa à adoção, principalmente entre profissionais



de saúde mais velhos, que podem não ter crescido com computadores e realidade virtual. A preocupação com a avaliação de desempenho também pode gerar resistência, visto que alguns profissionais de saúde podem temer que a simulação seja usada para identificar e punir erros, em vez de promover o aprendizado e o aprimoramento.

É essencial comunicar os benefícios da simulação e envolver os profissionais no processo de implementação (Glavin, 2011). Para superar a resistência à mudança, é essencial comunicar os benefícios da simulação clínica de forma clara e eficaz, enfatizando seu potencial para melhorar a segurança do paciente, reduzir erros médicos e aprimorar os resultados clínicos. Também é importante envolver os profissionais de saúde no processo de implementação, solicitando seu feedback e abordando suas preocupações, para garantir que o programa de simulação atenda às suas necessidades e esteja alinhado com seus valores.

Validade e Transferência do Aprendizado

Garantir a validade da simulação e a transferência da aprendizagem para o ambiente real é um desafio (Hofmann; Curran; Dickens, 2021). A validade de uma simulação refere-se à sua capacidade de replicar com precisão as características essenciais de uma situação clínica do mundo real. A transferência da aprendizagem refere-se à extensão em que as habilidades e o conhecimento adquiridos no ambiente de simulação são aplicados no ambiente clínico. Garantir tanto a validade quanto a transferência da aprendizagem é essencial para maximizar os benefícios da simulação clínica.

Os cenários devem ser realistas e relevantes para a prática clínica (Hofmann; Curran; Dickens, 2021). Para garantir a validade de uma simulação, os cenários devem ser realistas e relevantes para a prática clínica dos alunos. Isso significa que os cenários devem refletir com precisão os tipos de pacientes, condições médicas e desafios clínicos que os alunos provavelmente encontrarão em seu trabalho diário. Os cenários também devem ser projetados para eliciar os tipos de habilidades e comportamentos que são essenciais para um desempenho competente no ambiente clínico.

É necessário avaliar o impacto da simulação no desempenho dos profissionais no local de trabalho (Fung *et al.*, 2015). Para garantir a transferência do aprendizado do ambiente de simulação para o ambiente clínico, é necessário avaliar o impacto da simulação no desempenho dos profissionais de saúde no local de trabalho. Isso pode ser feito por meio de uma variedade de métodos, como observação direta da prática clínica, revisão de registros de pacientes e



pesquisas com pacientes e colegas. Ao avaliar o impacto da simulação no desempenho no mundo real, as organizações de saúde podem determinar se seus programas de simulação estão atingindo os objetivos pretendidos e identificar áreas para melhoria.

Casos de Sucesso na Simulação Multiprofissional

Programas de Simulação em Hospitais

Hospitais que implementaram programas de simulação multiprofissional relatam melhorias na comunicação, no trabalho em equipe e na segurança do paciente (Bohmann *et al.*, 2019). Muitos hospitais implementaram programas de simulação multiprofissional para aprimorar as habilidades e competências de seus profissionais de saúde. Esses programas geralmente envolvem uma combinação de instrução didática, prática e sessões de esclarecimento, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizagem abrangente e imersiva. Hospitais que implementaram esses programas relataram melhorias significativas na comunicação, no trabalho em equipe e na segurança do paciente.

A simulação *in situ* é particularmente eficaz na identificação e correção de falhas do sistema (Bridges *et al.*, 2011). A simulação *in situ*, que envolve a realização de exercícios de simulação no ambiente clínico real, demonstrou ser particularmente eficaz na identificação e correção de falhas do sistema. Ao realizar simulações no ambiente de trabalho real, os profissionais de saúde podem identificar ameaças latentes à segurança e desenvolver estratégias para evitar que causem danos aos pacientes.

Esses programas demonstram o valor da simulação como ferramenta de melhoria contínua (Bridges *et al.*, 2011). Programas de simulação multiprofissionais demonstram o valor da simulação como ferramenta de melhoria contínua, permitindo que organizações de saúde identifiquem áreas nas quais podem aprimorar seus processos, protocolos e sistemas para aprimorar a segurança do paciente e a qualidade do atendimento. Ao conduzir regularmente exercícios de simulação e analisar os resultados, as organizações de saúde podem refinar continuamente suas práticas e buscar a excelência no atendimento ao paciente.

CONCLUSÃO

A análise realizada evidencia que a simulação clínica constitui uma ferramenta pedagógica eficaz e indispensável para a formação multiprofissional em saúde. Os estudos



revisados demonstram que essa metodologia promove melhorias consistentes na comunicação verbal e não verbal, no trabalho em equipe e na tomada de decisão compartilhada, impactando diretamente a segurança do paciente. Além disso, favorece a construção de uma cultura de colaboração e responsabilidade coletiva, essencial para a qualidade assistencial.

Apesar dos avanços identificados, persistem lacunas metodológicas, como a escassez de ensaios clínicos randomizados e a necessidade de padronização de indicadores que mensurem o desempenho coletivo. Tais aspectos limitam a generalização dos achados e apontam para a importância de novas pesquisas que avaliem a efetividade da simulação em contextos variados e com metodologias robustas.

Conclui-se, portanto, que a simulação clínica deve ser ampliada e incorporada de forma sistemática aos currículos de formação em saúde, bem como aos programas de educação continuada, a fim de fortalecer competências técnicas e não técnicas que sustentem práticas colaborativas, comunicação efetiva e a melhoria contínua da segurança do paciente

REFERÊNCIAS

ALSABRI, Mohamed *et al.* Impact of Teamwork and Communication Training Interventions on Safety Culture and Patient Safety in Emergency Departments: A Systematic Review. *Journal of Patient Safety*, v. 18, n. 1, p. e351–e361, jan. 2022.

ARROGANTE, Ó. *et al.* Programa de entrenamiento basado en TeamSTEPPS® mediante simulación clínica en profesionales de cuidados intensivos: un estudio con metodología mixta. *Enferm. intensiva* (Ed. impr.), v. 34, n. 3, p. 126–137, 2023.

BOHMANN, Ferdinand O. *et al.* Simulation-Based Training of the Rapid Evaluation and Management of Acute Stroke (STREAM)—A Prospective Single-Arm Multicenter Trial. *Frontiers in Neurology*, v. 10, 11 set. 2019.

BOHMANN, Ferdinand O. *et al.* Simulation-based training improves patient safety climate in acute stroke care (STREAM). *Neurological Research and Practice*, v. 3, n. 1, p. 37, 12 dez. 2021.

BRIDGES, Diane R. *et al.* Interprofessional collaboration: three best practice models of interprofessional education. *Medical Education Online*, v. 16, n. 1, p. 6035, 8 jan. 2011.

CARRASCO-GUIRAO, José Jorge *et al.* Exploring How Evidence-Based Practice, Communication, and Clinical Simulation Outcomes Interact in Nursing Education: A Cross-Sectional Study. *Nursing Reports*, v. 14, n. 1, p. 616–626, 13 mar. 2024.



CHAE, Shinhye; SHON, Soonyoung. Effectiveness of simulation-based interprofessional education on teamwork and communication skills in neonatal resuscitation. *BMC Med Educ*, v. 24, n. 1, p. 602, 2024.

CHAMPAGNE-LANGABEER, Tiffany *et al.* Integrating Diverse Disciplines to Enhance Interprofessional Competency in Healthcare Delivery. *Healthcare*, v. 7, n. 2, p. 75, 10 jun. 2019.

CHEN, Hui-Wen *et al.* Comparison of learning outcomes of interprofessional education simulation with traditional single-profession education simulation: a mixed-methods study. *BMC Med Educ*, v. 22, n. 1, p. 651, 2022.

CHO, Eunbyul; JUNG, Hyun-Jong; LEEM, Jungtae. Peer Role-Play in a College of Korean Medicine to Improve Senior Students' Competencies in Patient Care and Communication: A Case Analysis and Proposal for a Model. *Journal of Korean Medicine*, v. 43, n. 3, p. 49–60, 1 set. 2022.

COOPER-IOELU, Pauline; JOWSEY, Tanisha. Interprofessional identity: an ethnography of clinical simulation learning in New Zealand. *BMC Medical Education*, v. 22, n. 1, p. 51, 21 dez. 2022.

FUNG, Lillia *et al.* Impact of crisis resource management simulation-based training for interprofessional and interdisciplinary teams: A systematic review. *Journal of Interprofessional Care*, v. 29, n. 5, p. 433–444, 28 ago. 2015.

GLAVIN, Ronnie J. Skills, Training, and Education. *Simulation in Healthcare: The Journal of the Society for Simulation in Healthcare*, v. 6, n. 1, p. 4–7, fev. 2011.

HAMSTRA, Stan; PHILIBERT, Ingrid. Simulation in Graduate Medical Education: Understanding Uses and Maximizing Benefits. *Journal of Graduate Medical Education*, v. 4, n. 4, p. 539–540, 1 dez. 2012.

HOFMANN, Riikka; CURRAN, Sara; DICKENS, Siobhan. Models and measures of learning outcomes for non-technical skills in simulation-based medical education: Findings from an integrated scoping review of research and content analysis of curricular learning objectives. *Studies in Educational Evaluation*, v. 71, p. 101093, dez. 2021.

JENSEN, Janet F. *et al.* Improving patient's intensive care admission through multidisciplinary simulation-based crisis resource management: A qualitative study. *J Clin Nurs*, v. 32, n. 19–20, p. 7530–7542, 2023.

JIANG, Yan *et al.* Interprofessional education interventions for healthcare professionals to improve patient safety: a scoping review. *Med Educ Online*, v. 29, n. 1, p. 2391631, 2024.

JITWIRIYANONT, Sujinat; RAWAN, Rattanasuwan; NARAJEENRON, Khuansiri. Advancing Politeness and Assertive Communication Through Tone of Voice in Crisis Team Situations: Pre-Post Acoustic Analysis Study of Team and Strategies to Enhance Performance



and Patient Safety (TeamSTEPPS) Virtual Simulation for Interprofessional Education in Health Care Undergraduate Students. *J Med Internet Res*, v. 27, p. e66988–e66988, 2025.

KEISER, Megan M. *et al.* Using Interprofessional Simulation with Telehealth to Enhance Teamwork and Communication in Home Care. *Home Healthc Now*, v. 40, n. 3, p. 139–145, 2022.

MASON, Virginia M.; LYONS, Patricia. Use of Simulation to Practice Multidisciplinary Anaphylaxis Management. *Dimensions of Critical Care Nursing*, v. 32, n. 6, p. 280–285, 2013.

NARAJEENRON, Khuansiri *et al.* Enhancing Team Strategies and Tools to Enhance Performance and Patient Safety Performance Through Medical Movies, Massive Open Online Courses, and 3D Virtual Simulation–Based Interprofessional Education: Mixed Methods Double-Blind Quasi-Experimental Study. *Journal of Medical Internet Research*, v. 27, p. e67001, 8 set. 2025.

OPAZO MORALES, Esméríta Ignacia; ROJO, Elena; MAESTRE, José M. Modalidades de formación de instructores en simulación clínica: el papel de una estancia o pasantía. *Educación Médica*, v. 18, n. 1, p. 22–29, jan. 2017.

RAUSEN, Michelle S.; HOLST, Stephanie J.; DAVIS, Samantha P. Integration of Respiratory Care Experts and Emerging Technologies in Critical Care Simulation. *J Intensive Care Med*, p. 8850666251361064–8850666251361064, 2025.

REDJEM, Inas D. *et al.* Crisis management in the operating room: A systematic review of simulation training to develop non-technical skills. *Nurse Education Today*, v. 147, p. 106583, abr. 2025.

RYKHOFF, Margot; PEREIRA, Rebecca; WILKINSON, Sarah. Building patient safety culture by using interprofessional simulation with nursing, paramedic and emergency telecommunication students: A mixed-methods research study. *Nurse Education in Practice*, v. 81, p. 104166, nov. 2024.

SANTOS, Wendel Mombaqué dos; SECOLI, Silvia Regina; PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo. The Joanna Briggs Institute approach for systematic reviews. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 26, n. 0, 14 nov. 2018.

SCHRAM, A. *et al.* Simulation-based team training for healthcare professionals in pediatric departments: study protocol for a nonrandomized controlled trial. *BMC Medical Education*, v. 24, n. 1, p. 607, 1 jun. 2024.

SOARES, Cassia Baldini *et al.* Integrative Review: Concepts And Methods Used In Nursing. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 2, p. 335–345, abr. 2014.

SUNG, Tzu-Ching; HSU, Hsiang-Chin. Improving Critical Care Teamwork: Simulation-Based Interprofessional Training for Enhanced Communication and Safety. *J Multidiscip Healthc*, v. 18, p. 355–367, 2025.



VORA, Samreen *et al.* Virtual Reality Interprofessional Simulation Education to Improve Teamwork and the Culture of Safety in the Emergency Department. Proceedings of the International Symposium on Human Factors and Ergonomics in Health Care, v. 14, n. 1, p. 217–220, 19 set. 2025.

WATTERS, Colm *et al.* Does interprofessional simulation increase self-efficacy: a comparative study. *BMJ Open*, v. 5, n. 1, p. e005472, 13 jan. 2015.

ZAMBRANO SÁNCHEZ, Gabriela *et al.* Percepción de los estudiantes de Medicina sobre la utilización de los pacientes simulados como estrategia para el entrenamiento en el manejo integral de pacientes. *Educación Médica*, v. 21, n. 2, p. 123–126, mar. 2020.